

PLANEJAMENTO FAMILIAR

Estudo 1 — Filhos, Um Dom de Deus

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: Gênesis 1:28,31

5ª Feira: Jó 10:10-12

3ª Feira: I Pedro 3:7

6ª Feira: Gênesis 16:2

4ª Feira: Gênesis 4:1

Sábado: Salmos 128:3

Texto-Base: Salmos 127:3-5

“- Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão.

Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade.

Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, quando falarem com os seus inimigos à porta”.

INTRODUÇÃO:

Iniciaremos a nossa série de três estudos sobre planejamento familiar compartilhando um pouco daquilo que as Escrituras nos ensinam sobre os filhos, com o fim de entendermos melhor os cuidados e precauções, necessários devido as circunstâncias dos nossos dias, sem ferir os princípios das sagradas letras.

I. O Dom da Vida

A bíblia, em sua primeira página, registra que, imediatamente após a criação do homem e da sua mulher, o Criador expediu-lhes a primeira ordem: *“- Frutificai e multiplicai-vos...”* (Gênesis 1:28).

Lembrando que naquela passagem o Senhor está falando com o homem em seu estado original, sabemos que tudo foi criado com grande perfeição e conforme o desejo de Deus:

“Viu Deus tudo o que tinha feito, e que era muito bom...” (Gênesis 1:31).

Um dos elos que ainda nos ligam àquele homem original é o dom da procriação, concedido originalmente num contexto de perfeição de imagem e semelhança.

E ainda que, após o pecado do homem, Deus tenha adicionado ao processo a dor de parto, Ele ainda conservou nele e na sua adjutora, a habilidade de se multiplicarem e gerarem um novo ser humano, mortal no corpo, mas eterno no espírito.

Examinando I Pedro 3:7, onde o assunto é coabitação, ou seja, a vida íntima do lar, encontramos, na ordem que o homem recebeu de tratar a mulher com dignidade, o argumento *“...como sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida...”*, confirmando a realidade da parceria, entre o homem e a mulher, no dom da procriação.

II. Um sinal do favor de Deus

Quando Eva teve seu primeiro filho, ela exclamou: *“- Alcancei do Senhor um homem”* (Gênesis 4:1), bastante diferente da forma como certas mulheres, ou certos casais, encaram uma gravidez hoje em dia.

Desde os tempos antigos, sempre se creu que o Senhor, acima do homem e da mulher, era o responsável pela formação de um filho no ventre materno (Jó 10:10-12), o que fundamentou a crença de que os filhos eram sinal do favor e aprovação de Deus à união de um casal.

Este pensamento era tão forte na antiguidade que, a mulher que não conseguia ter filhos, se considerava amaldiçoada por Deus, de modo que, nestes casos, suas escravas lhes doavam os seus filhos (Gênesis 16:2).

Nos tempos do Antigo Testamento, a medida das bênçãos de Deus a uma família se avaliava pela quantidade de filhos que esta tivesse alcançado. Quanto mais numerosos mais abençoada se considerava aquela casa.

Encontramos diversas passagens bíblicas onde este conceito aparece direta ou indiretamente, como em Salmos 127:3-5 e 128:3 (a frase “gravidez indesejada” era desconhecida naqueles tempos).

Atualmente, muitos consideram os filhos como “uma grande responsabilidade”, “um peso” ou até “um acidente”, mas a Bíblia os apresenta como sendo “uma bênção”.

E nesta forma de consideração, leva-se em conta que os pais são aqueles que buscam fazer de seus filhos indivíduos que darão continuidade ao seu trabalho de preservar o bom nome da família e a viver de modo a beneficiar o lar e a sociedade onde vivem, para o que, sem dúvida, será necessária a busca e a aplicação sistemática de métodos eficazes e dignos de um lar cristão.

Ninguém pode negar as lutas e as dificuldades que norteiam a criação dos filhos e a sua preservação nos caminhos de Deus, mas nenhuma delas é suficientemente forte para que não os desejemos.

Cedo ou tarde, todos os homens e mulheres são tomados de uma vontade inevitável de tê-los, pois esta instrução está dentro de seus seres, escrita por Deus desde a Criação.

III. A Vontade de Deus dentro de nós

O Senhor colocou dentro de todas as criaturas, inclusive no homem, um senso de auto-preservação que lhes proporciona prazer e contentamento todas as vezes em que satisfazem uma necessidade biológica ou fisiologicamente correta.

Um bom exemplo é a procriação.

Quando uma pessoa gera um filho, num conceito de equilíbrio que começa desde um namoro decente, um noivado exemplar e um casamento que Deus possa abençoar, o novo ser não poderá trazer outra coisa senão um grande contentamento e satisfação interior aos seus pais.

Podemos dizer que, se a geração de algum filho for considerada como indesejável ou como “um acidente”, certamente em algum ponto houve, ou está havendo, a busca de interesses próprios, de um ou de ambos num casal.

Como dissemos antes, gerar filhos está dentro da essência de todo ser humano, e aqueles que erram nos primeiros passos de preparação, como na formação conjugal adequada em busca do ambiente doméstico do lar, onde os filhos são esperados, acabam por despencar em situações embaraçosas e desprovidas de uma estrutura moral íntegra.

Como exemplo prático, temos visto no mundo, mulheres famosas, ricas, empresárias e até de carreira política, aparecendo em conceituadas entrevistas, declarando que a sua próxima conquista será ter um filho, mesmo sendo solteiras.

Certa apresentadora de TV declarou, inclusive, que “se não se apaixonar por ninguém”, terá um filho de profeta, mostrando como é real e forte aquele desígnio de Deus, escrito em todos os seres humanos.

Outra realidade prática, mas menos afortunada, mostra mulheres sem estabilidade financeira, mental e espiritual, com a mesma ambição, mas que, nos melhores exemplos, obrigam seus pais, já amortecidos pela idade, a criar os netos, ou farão com que sejam criados por terceiros, quando não os jogam num saco de lixo escolhido por elas mesmas ou por alguma “clínica especializada”.

Tudo isso não passa de frutos amargos da desobediência, do egoísmo e da insubordinação do homem ímpio às ordens de Deus (Provérbios 4.19).

É mais promissor então, suportarmos os desafios e dificuldades da vida cristã normal, para colhermos ao final, como frutos, filhos abençoados por Deus, perto de nós e ao redor das nossas mesas (Salmos 128.3,4).

Conclusão

É vontade de Deus que o homem procrie sob a sua bênção e vontade, e de modo que consiga ver, como aos olhos d’Ele, a realidade do dom da procriação.

Hoje, num século em que os homens e as mulheres se ocupam cada vez mais com os seus próprios negócios e a sua projeção pessoal, muitos deles tem riscado a palavra “filhos” das suas vidas, sem saber que, mais tarde, muitos deles acabarão por tê-los em circunstâncias difíceis e desestruturadas que deixarão como herança, marcas amargas que eles levarão consigo pelo resto das suas vidas.

Os servos de Deus devem entender isso, lembrando que a Palavra de Deus nos induz sempre ao equilíbrio e à boa administração dos dons que ele nos concede, entre os quais, a procriação.

Desta forma, encerramos o nosso primeiro estudo sobre planejamento familiar, reforçando que o primeiro passo nesta matéria consiste em que todo casal, desde o namoro, inclua o fator “filhos” em seus planos, com o fim de que os tenham em número, época, circunstâncias e recursos adequados e, previamente planejados.

Perguntas para Revisão

1. Assim que Deus criou o homem e a mulher, qual foi a primeira ordem de Deus a eles?
2. Qual é o dom que representa um elo entre nós e nosso estado original (homem original)?
3. Relate um fato que acontecia nos tempos do Velho Testamento quanto às mulheres que não conseguiam conceber?
4. Qual é a instrução escrita por Deus na essência do homem desde a Criação?
5. Quando a geração de um filho é considerada indesejável ou “um acidente”, o que deve estar acontecendo?

PLANEJAMENTO FAMILIAR

Estudo 2 — Paternidade Planejada

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: Salmo 127:5

5ª Feira: Gálatas 4:5

3ª Feira: Romanos 8:15

6ª Feira: Efésios 1:5

4ª Feira: Romanos 9:4

Sábado: Tiago 2:9

Texto-Base: I Samuel 1:11

“- E votou um voto, dizendo: Senhor dos Exércitos! Se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, mas à tua serva deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha”.

INTRODUÇÃO:

Finalizamos o último estudo recomendando a busca de um planejamento familiar de modo a se alcançar a paternidade em número, época, circunstâncias e recursos ideais.

Agora veremos alguns conselhos úteis àqueles que já são pais e àqueles que ainda não são, mas pretendem ser, a curto, médio ou longo prazo.

I. Pais? Quando?

Muitos perguntam se há época ideal para se ter filhos.

Muitos outros concordam que a época ideal é aquela em que o Senhor os concede, aconselhando um controle de natalidade o mais natural possível.

Trataremos sobre os métodos de controle de natalidade na próxima aula, mas quanto ao tempo certo, temos a observar que essa recomendação é válida e verdadeira, entretanto, devido as diferentes formas de entendimento, precisaremos argumentar um pouco mais a respeito.

II. O Vínculo com o Casamento

Devemos iniciar dizendo que *todos os bons planos* prevêem os filhos para *depois do casamento*.

Outro bom conselho, favorável a uma boa formação na criação dos filhos, é que os mesmos aconteçam numa idade não muito superior a 30 anos.

Segundo alguns conselheiros, os que se casam ou planejam seus filhos numa idade muito acima dessa faixa enfrentarão, além de uma gestação mais delicada, a adolescência de seus filhos na fase difícil da meia idade, o que na maioria das vezes, faz com que pais e filhos nestas circunstâncias, passem por crises maiores e mais frequentes que os demais.

III. Prioridade acima das dificuldades

Tendo se casado, todo casal já deve ter buscado se informar sobre a época de terem seu primeiro filho.

O tempo escolhido pode, por exemplo, estar condicionado à compra ou à adequação de uma casa ou dos rendimentos do casal, coisas que variam à cada caso.

Entretanto, conceituados conselheiros conjugais concordam não ser correto que algum casal não planeje ter filhos “nunca”, pois estaria se omitindo a uma das maiores bênçãos do matrimônio, mesmo em casos que, por limitações físicas, o casal não possa tê-los (é quando recomendam a adoção).

IV. Quantos Filhos se deve ter?

Usando-se o verso 5 do Salmo 127 e a tradição judaica que afirma ter sido cinco a capacidade da antiga aljava (porta flexas), algumas pessoas afirmam haver fundamento bíblico para que o limite de filhos seja cinco.

Alguns conselheiros recomendam um mínimo de quatro.

Entretanto, na prática, encontramos muitos casais, tanto com número superior quanto inferior de filhos, que alcançaram sua plena realização como pais.

Além disso, a única base bíblica que podemos encontrar neste assunto, apenas nos limita a não evitarmos a procriação (não ter nenhum) caso não haja algum impedimento por motivo de saúde.

O número de filhos, entretanto, pode seguir uma graduação regrada pelas limitações financeiras que possam afetar o seu desenvolvimento físico, espiritual e intelectual, ou por eventuais problemas de saúde dos pais.

Por isso, os casais devem planejar não só “quantos” mas o “quando” de cada filho que deseje ter, à medida que adeque os seus recursos.

Um diálogo com o pastor ou o ministério da igreja é muito útil, além da leitura de uma boa literatura evangélica específica que poderá esclarecer maiores dúvidas.

V. Filho Desejado, Filho Pedido ao Senhor

Outra bênção maravilhosa da paternidade planejada consiste em que, chegado o tempo escolhido, o casal, desejoso em aumentar a sua família, vai ao Senhor para lhe pedir um filho sadio, sem deixar de incluir na oração a intenção de dedicá-lo ao Senhor e de lutar por proporcionar-lhe um lar cristão e temente a Deus (I Samuel 1:11).

Bem diferente dos “acidentes” que, muitas vezes, sem planos e nem recursos, geram crianças que terão de reconhecer serem frutos da curiosidade, da malícia, da concupiscência ou da infantilidade dos pais.

Uma ou mais destas causas, individualmente ou combinadas, conforme o caso, são a principal causa de tantos pais solteiros.

VI. Os Filhos Adotivos

A adoção de um filho tem, no contexto da igreja, um alto grau de consideração, uma vez que ela mesma existe pela adoção (Romanos 8:15; 9.4; Gálatas 4:5; Efésios 1:5).

Todos os casais que concordem mutuamente e cujos recursos os favoreçam, ou aqueles que não podem ter filhos legítimos, ao adotar, estarão trazendo uma alma para os caminhos do Senhor, além de tê-la livrado da tristeza da orfandade ou da rejeição ao transformá-las no desejado complemento das suas famílias.

As recomendações que fazemos são, que nunca se adote uma criança quando se percebe fraqueza ao se lidar com a discriminação racial ou com o tratamento em igualdade entre os filhos (Tg 2.9) legítimos e o adotado.

Este tipo de caso costuma resultar, no futuro, em momentos de ira dos pais, que os seus adotivos tenham a cor da sua pele ou outra de suas características físicas, ou intelectuais, sendo apontadas como razão dos seus fracassos, quando não são comparados com as de seus “super” irmãos de pais legítimos.

Conclusão

Como vimos, a paternidade planejada traz muitos benefícios aos pais e aos filhos.

Contudo, aconselhamos que não se deixe de consultar bons livros à respeito, pois o espaço aqui não nos permite um aprofundamento ideal no assunto, entretanto, os conceitos aqui expostos refletem casos muito freqüentes na família como um todo em nosso país.

Esperamos ter acrescentado bons conselhos a muitos, mesmo os solteiros, para que, de antemão, considerem alguns aspectos da próxima fase de suas vidas.

Perguntas para Revisão

1. Qual a opinião de muitos sobre a época ideal para se ter filhos?
2. Para “quando” todos os bons planos planejam os filhos?
3. Quais os problemas para quem se casa ou planeja os filhos para muito além dos 30 anos?
4. Como um casal que não pode gerar filhos pode resolver esta limitação?
5. Quais os cuidados que recomendamos na adoção de filhos?

PLANEJAMENTO FAMILIAR

Estudo 3 — Controle de Natalidade

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: Salmo 14:5

5ª Feira: Gênesis 22:17

3ª Feira: Jó 42:12-13

6ª Feira: 1 Coríntios 7:3-5

4ª Feira: 1 Timoteo 2:15a

Sábado: Hebreus 6:14

Texto-Base: 1 Timoteo 3:4

“- ... que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia”.

INTRODUÇÃO:

Como último estudo desta série, meditaremos aqui sobre o controle de natalidade.

Como se trata de um assunto que divide a opinião de alguns estudiosos, esclarecemos que neste estudo assumiremos a postura moderada, porém, cristã e de bom senso característica da igreja O Brasil para Cristo.

I. Precauções

Antes de iniciarmos, precisamos detalhar que, quanto a controle de natalidade, existem duas fortes correntes de influência que atingem muitos casais hoje em dia.

A primeira age silenciosamente no mundo, através da conscientização coletiva pelos meios de comunicação, de que a vida agitada de hoje em dia, conturbada e cheia de compromissos, impõe e justifica a ausência de filhos ou, quando muito, a que se tenha “apenas um!”.

De fato, muitos chegam a se esterilizar com o fim de evitar filhos, pois temem que eles possam impedi-los de prosperar e ganhar dinheiro.

A segunda vem em “mão contrária” à primeira, condenando sistematicamente todo tipo de controle de natalidade, pois prega que, se Deus deu o dom da procriação, então, os homens devem aceitar todos os filhos que os casais conceberem, sem restrições.

Nossa posição rejeita as duas, pois entendemos que a moderação neste aspecto das nossas vidas, não se afina com nenhuma delas, pois ainda que a agitação da vida moderna e a integridade dos dons de Deus sejam duas verdades inegáveis, contudo, a experiência mostra um ponto de equilíbrio que não nos desqualifica como servos de Deus e nem nos desampara diante dos nossos compromissos na nossa vida secular.

E é assim que, aconselhando um controle racional e temente à Deus, não temos como objetivo levar ninguém a suprimir o ter filhos em suas vidas, mas tê-los em quantidade e em épocas que favoreçam a sua boa formação e crescimento.

II. Prática Comprovada

A medicina já comprovou que uma mulher, em todos os seus anos de fertilidade, é capaz de gerar até vinte filhos.

Desta maneira, baseados no número de casais com vinte filhos que conhecemos, podemos concluir que todos, de uma maneira ou de outra, praticam algum tipo de controle, inclusive aqueles que condenam o controle de natalidade.

III. Os Métodos de Controle

Podemos dividir os métodos de controle de natalidade em dois grupos: os reversíveis e os irreversíveis.

Iniciaremos pelo primeiro grupo, apresentando-o na tabela abaixo.

Nela figuram as características dos diferentes métodos anticoncepcionais, quando aplicados em condições normais e sob supervisão médica.

Na tabela, além dos métodos, também apresentamos o número de mulheres que, de um grupo de mil, engravidaram sem o desejar e, também, indicamos se o método é abortivo, ou não, e que tipo de intervenção médica ele exige.

III.a. — Métodos anticoncepcionais, por ordem de eficiência:

Método	Gravidez em Mil	Abortivo?	Atuação Médica
1. Pílula Anticoncepcional	1 a 5	Não	Prescrição
2. Preservativo	10	Não	Desnecessária
3. DIU (Dispositivo Intra Uterino)	15 a 30	SIM	Aplicação
4. Diafragma Uterino	26	Não	Aplicação
5. Pomada Uterina (espermaticida)	75	Não	Desnecessária
6. Tabela Menstrual	140	Não	Acompanhamento

O segundo grupo, o dos métodos irreversíveis, **jamais se recomendam a casais jovens**, uma vez que, sendo a morte uma realidade da vida, qualquer dos dois pode vir a se tornar viúvo e desejar mais tarde se casar novamente, mas estará privado de alcançar ou conceder filhos ao seu novo cônjuge.

Este grupo é representado por duas cirurgias, cujo efeito esterilizante já é considerado reversível, mas que, por serem de alto custo, se tornam inalcançáveis para a maioria dos casais.

A primeira é a ligação das trompas e a segunda é a vasectomia.

A a primeira ocorre no corpo da mulher e impõe uma intervenção cirúrgica mais complicada e exige internação hospitalar.

A vasectomia ocorre no corpo do homem, sendo um método tão simples que pode ser executado em consultório médico, exigindo poucos minutos para se efetivar.

Sua eficácia se dá ao fato de se consistir na remoção de um pedaço do canal deferente, que fica fora do corpo e liga os testículos à vesícula seminal.

IV. Métodos não Recomendáveis

Num mundo onde o egoísmo é cultuado ao ponto de se ignorar completamente o bem estar alheio, achamos necessário mencionar que qualquer método que implique em aborto, não importa em que fase, é condenado pela igreja evangélica, que o considera assassinato premeditado.

O aborto provocado consiste em se interromper a gestação, matando o feto dentro do corpo materno.

Lembrando que a gestação se inicia com a fertilização do óvulo, tudo o que interrompa a gestação a partir deste momento, seja pela inserção de algum objeto estranho no útero ou pelo efeito de qualquer droga que, igualmente, provoque ou induza o organismo a rejeitar o feto, deve ser considerado abortivo.

Dois outros hábitos condenáveis nas Escrituras para se evitar filhos é a abstinência sexual prolongada entre o casal e o coito interrompido.

Os dois métodos interferem no bom relacionamento do casal, lesando a vida conjugal em pontos previstos e recomendados pela Bíblia, dada a sua importância (1 Coríntios 7:3-5;).

Conclusão

O que quisemos, mais uma vez demonstrar, é que a Palavra de Deus é uma orientadora competente (Salmo 119:105), mesmo para assuntos que nos acanhamos comentar em público.

Porém, encerramos dizendo que cada casal deve buscar, com seriedade e dentro do temor a Deus, e **fora dos modismos mundanos**, planejar a sua paternidade de modo que a alcancem, longe dos danosos efeitos colaterais da promiscuidade, infidelidade e impureza que norteiam a vida mundana (1 Pedro 4:2-4).

Devem buscar uma vida íntima condizente com à sua dignidade como filhos de Deus, dialogando e buscando, junto com o seu cônjuge, métodos que satisfaçam as suas expectativas físicas sem ficar devendo eficiência e nem santidade (Efésios 5:33).

Perguntas para Revisão

1. Quais são as duas correntes de influência que os casais enfrentam no planejamento familiar?
2. Como foi que concluímos que todos os casais praticam algum tipo de controle familiar?
3. Quais são os dois grupos de controle de natalidade que estudamos?
4. Por que os métodos irreversíveis são desaconselhados a casais jovens?
5. Por que o DIU é considerado abortivo?

1ª edição: NR08 / jul.1996

Última revisão: 26.set.21

. O conteúdo deste material pode ser compartilhado e divulgado livremente, desde que mencionada a fonte.

. Outros estudos e materiais de pesquisa do Pr Carlos Ricas, podem ser encontrados em seu website:

<http://www.temasbiblicos.com.br>